

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM: “A HORA DOS RUMINANTES”

Cecília Marcia Peixoto da Silva¹

Neste trabalho, analisamos o romance *A hora dos ruminantes* de J.J. Veiga. Utilizamos para esta análise a metodologia da Topoanálise que consiste em verificar os espaços presentes no texto e a sua relação com as outras categorias da narrativa bem como os efeitos de sentido produzidos. O que se pretende mostrar é que o romance é construído tendo por base os discursos linguísticos como forma de representar a espacialidade.

Introdução

Neste texto, Analisaremos o romance *A hora dos ruminantes*. Ele foi publicado pela primeira vez em 1966. Para esta análise utilizaremos a versão publicada pela editora Bertrand Brasil S. A. em 1990. O romance narra um episódio fantástico ocorrido em Maranaiema. A cidade é invadida por um grupo de estranhos com costumes e valores diversos aos dos habitantes locais, e o pior, tentam impor estes valores aos moradores.

Para essa análise, utilizaremos a perspectiva da Topoanálise que foi desenvolvida a partir das ideias de Bachelard, Yuri Lotman, Osman Lins, Borges Filho, dentre outros. A intenção é mostrar as estratégias utilizadas pelo narrador na representação do espaço no enredo bem como verificar os diversos efeitos de sentido produzidos.

Percurso espacial

Para a Topoanálise, o percurso espacial é formado pelo encadeamento dos espaços presentes na obra. Nesse ponto de vista, o enredo pode ser classificado em monotópico, se se passa em apenas um espaço, politópico, se ocorre em mais de um espaço e bitópico quando o espaço é dividido em dois

¹ Professor no CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos. E-mail: cecilia_marcia27@hotmail.com

subespaços, por uma fronteira. Vejamos conceito de fronteira segundo Iuri Lotman (1978).

*... um traço topológico muito importante
é a fronteira.
a fronteira divide todo o espaço do texto
em dois sub-
espaços, que não se tornam a dividir
mutuamente.
A sua propriedade fundamental é a
impenetrabilidade.*

No caso desse conto veiguiano, temos um enredo bitópico, ou seja podemos perceber no decorrer da narrativa a presença da fronteira. As ações se desenvolvem na cidade de Maranaiema onde seus habitantes têm livre acesso e convivem pacificamente e na tapera, uma fazenda abandonada e que fora ocupada por um grupo de homens misteriosos, compenetrados, de poucas e duras palavras.

Em relação a suas propriedades físicas, a fronteira se divide em natural e artificial. A primeira é estabelecida através de características geográficas (um rio, uma montanha, um deserto) e a segunda, assinala contrastes de ordem ideológica, psicológica, social. No caso da obra analisada a divisão nesses dois espaços se dá pelo âmbito psicológico-axiológico, ou seja, há uma divergência clara de ideias entre os personagens que ocupam os subespaços.

Em se tratando de suas propriedades experienciais a fronteira pode se classificar ainda em tensa e distensa. No romance analisado a fronteira é tensa, pois ela se dá a partir de um confronto de ideologias. Já no primeiro capítulo o narrador apresenta Maranaiema, como uma cidade pacata do interior.

*De tardinha o povo já estava com medo que o dia
passasse sem mais novidade. Nas rodas de conversa,
formadas aqui e ali, quando ouviam passos de cavalo ou*

*de gente andando mais depressa as pessoas paravam de falar e ficavam atentas aos possíveis emissários. Os comerciantes ficavam nas lojas abertas até mais tarde, mais por uma questão de cortesia com os estranhos, caso eles precisassem de alguma coisa – e também pelo bom nome de Manarairêma; imagina-se o que os homens não iriam dizer se não pudessem comprar um maço de velas, uma garrafa de querosene. Sentado de banda no galpão, ou numa cadeira empinada contra a parede, os comerciantes esperavam até a tarde.
(VEIGA, 1990, p. 05)*

Em contraposição observamos os moradores da tapera com um modelo de estrutura onde impera opressão e abuso, autoritarismo como uma forma de se garantir e se proteger conforme podemos observar na narrativa abaixo:

O derrame de cachorros foi o primeiro sinal forte de que os homens não erma aqueles anjos que Amâncio estava querendo impingir. Mesmo se eles fizeram aquilo por simples brincadeira, mostraram completa desconsideração pelos direitos alheios. (VEIGA, 1990, p.33)

Segundo a Topoanálise os dois tipos de espaços existentes na obra literária são o cenário e a natureza, encontramos neste romance as duas modalidades: espaços construídos pelo homem (a loja de Amâncio, a tapera, a marcenaria) e espaços que existem independentemente da ação humana (o bambuzal, o rio, o caminho do poço do gado). O último citado apenas para se referir aos espaços onde o casal de namorados se encontravam.

Nota-se também que há basicamente três maneiras de representação do espaço: A realista a imaginosa e a fantasista. No primeiro caso o narrador caracteriza espaços realmente existentes no contexto extratextual. No segundo os espaços citados são inventados mas possuem semelhanças com espaços reais. Por ultimo, aparece espaços que não seguem regras do mundo real.

Podemos assim afirmar que no romance veiguiano existem a representação imaginosa: as casas, ruas e estabelecimentos comerciais de Maranairema e a fantasiosa: a cidade invadida por cães e bois.

O espaço da narrativa e o espaço da narração

Antes de analisarmos os espaços citados no conto é importante atentarmos para diferença apresentada pela toponálise entre o espaço da narrativa e o espaço da narração. Narrativa é entendida aqui como o enredo e narração como o ato de narrar. Dentro desta perspectiva a toponálise aponta uma questão bastante interessante: O fato de o espaço da narrativa nem sempre coincidir com o espaço da narração, ou ainda, o narrador não deixar claro o espaço onde ocorre a narração, como acontece em *A hora dos ruminantes*.

— *Afinal de contas, o que é que eles vieram cheirar aqui?*
— *Indagou Manoel Florêncio, não a Amâncio, nem a ninguém, mas como quem deixa escapulir uma pergunta que há muito o incomoda; mas todos olharam para Amâncio reconhecendo que só ele poderia dar a resposta.*(VEIGA,, 1990,p.39)

Como se vê o espaço da narração não é explicitado com clareza , mas sugere-se pelo uso do advérbio “ aqui “ que a narração pode ter sido a cidade de Maranairema onde mora o personagem Manoel Florêncio.

Maranairema antes e depois da invasão.

A noite chegava cedo em Maranairema. Mas o sol se afundava atrás da serra –quase que de repente, como caindo – já era hora de acender os candeeiros, de recolher bezerras, de se enrolar em xales. A friagem até então contida nos remansos do rio, em fundos de grotas, em

porões escuros, ia se espalhando, entrando nas casas, cachorro de nariz suado farejando.

(VEIGA, 1990, p. 01)

Nota-se um ambiente pacato de uma cidade pequena com a tranquilidade peculiar, onde reina a paz e harmonia entre seus habitantes e entre os mesmos com o cosmo, claramente quando referencia os elementos da natureza: a noite, o sol, o frio, as grotas.

Como toda típica cidade interiorana, Manaraiema tem uma igreja na praça, uma venda onde se vende de fumo a linguiça, homens valentões que se animam após uns goles de pinga, comadres conversadeiras e uma infinidade de curiosos e supersticiosos. Nada de extraordinário. A narrativa começa fazendo esse reconhecimento, porém, já no primeiro capítulo, intitulada A chegada, a narrativa sutilmente envereda por atmosfera de premonição e mau agouro, sugerindo que algo de terrível paira sobre os céus da pequena cidade.

Manaraiema ao cair da noite – anúncios, prenúncios, bulícios. Trazidos pelo vento que bate pique nas esquinas, aqueles infalíveis latidos, choros de criança com dor de ouvido, com medo de escuro. Palpites de sapos em conferência, grilos afiando ferros, morcegos costurando a esmo, estendendo panos pretos, enfeitando o largo para alguma festa noturna. Manaraiema vai sofrer a noite.
(VEIGA, 1990, p.01)

A temática de característica sobrenatural já pode ser percebida através dos elementos destacados no trecho acima que, de certa forma, denunciam tendências ao macabro. Anúncios, prenúncios, bulícios irão compor uma expectativa em que se inserirá o fantástico. Felipe Furtado (1980, p.19) citando Louis Vax, afirma que “a arte fantástica deve introduzir terrores imaginários no seio do mundo real”. E é assim que de um dia para outro, a pacata cidade se deparará com a chegada de homens singulares, que se instalarão nas adjacências (na tapera de uma chácara), quebrando a rotina reinante e

atijando em tudo a curiosidade que convergira no desespero de seus habitantes:

As pessoas acordavam, chegavam à janela para olhar o tempo antes de lavar o rosto e davam com a cena nova. Uns chamavam outros, mostravam indagavam, ninguém sabia. Em todas as casas era gente se vestindo às pressas, embarçando a mão em mangas de paletó, saindo sem tomar café, pisando em cachorros lerdos, cachorros ganindo, gente xingando, gente dando peitada em gente, derrubando chapéu, a algazarra, a correria. (VEIGA, 1990 p.)

Segundo a Topoanálise espaços linguísticos são as possibilidades morfossintáticas dos afixos, das preposições, dos verbos, dos advérbios, dos pronomes, dos substantivos e dos adjetivos com sentido espacial. Recursos recorrentes na obra de Veiga onde o narrador faz uso dos advérbios geográficos para caracterizar os dois subespaços.

“O que eles vieram cheirar aqui.” Pag. 39

“ Eu estive lá e vi.” Pag. 40

“ Deixe Apolinário de cá e eles de lá.” Pag. 66

Nota-se nos trechos acima que o narrador repetidas vezes faz uso dos advérbios aqui/cá e lá. Estes advérbios assumem papel sumamente importante na criação dos efeitos de sentido, pois eles marcam o ponto de contraste sobre o qual é construído o texto, a oposição espacial entre aqui/cá, Maranairema e o lá, a tapera. Maranairema representa a visão de mundo formava o tudo para os moradores. A tapera representava o diferente o além fronteiras, algo nunca imaginado no contexto simples do lugar.

Para a Topoanálise a toponímia significa o estudo dos nomes, próprios ou não, dos espaços que aparecem no texto literário. De acordo com esta afirmação o espaço pode estabelecer uma relação de semelhança, contraste ou indiferença em relação à personagem, ao enredo e ao narrador.

No romance analisado alguns nomes próprios foram inventados: Amâncio – personagem valentão, que se torna dócil e submisso aos homens

da tapera, Maranaiema, Geminiano e outros. Quando o narrador cria um nome, ocorre um efeito de generalização. É este o efeito de sentido presente na obra analisada de Veiga. O narrador está sugerindo que aquilo que ocorre em Maranaiema, estava acontecendo no país, um confronto de ideias que, nas entrelinhas, faz referência a ditadura militar implantada no Brasil na década de 60.

Conclusão

Nesse romance de Veiga estudamos a espacialidade marcada pela presença da fronteira, pela delimitação do percurso espacial em dois subespaços. Percebemos que para legitimar esta dualidade o narrador se vale dos discursos linguísticos, do uso de hipérboles e paradoxos.

Referências Bibliográficas

- VEIGA, Jose J. A hora dos ruminantes, 23ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990
- TODOROV, Tzvetan. Tradução: Maria Clara Correia Castelo. São Paulo – SP: perspectiva, 2004.
- BORGES FILHO, Oziris. Espaço e literatura: Introdução a topoanálise. França: Ribeirão gráfica editora, 2007a
- FERNANDES, José. Dimensões da literatura Goiana. Goiás: CERNE, 1992
- ALMEIDA, Nelly Alves de. Estudos sobre os quatro regionalistas. 2ed. Goiânia: Ed. Da UFG, 1985
- FRANK, Joseph. A forma espacial na literatura moderna In Revista IterteXto, V. 1, n 02 Julho/Dezembro de 2008.
- LINS, Osman. Espaço romanesco e ambientação in Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.